

ARQUEOLO
COLABORATIVA NA AMAZ
TERRA INDÍGENA KUATIN
RIO XINGU,

ARQUEOLOGIA
COLABORATIVA NA AMAZÔNIA:
TERRA INDÍGENA KUATINEMU,
RIO XINGU, PARÁ

FABÍOLA ANDRÉA SILVA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

EDUARDO BESPALAZ

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

FRANCISCO FORTE STUCHI

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

ARQUEOLOGIA COLABORATIVA NA AMAZÔNIA: TERRA INDÍGENA KUATINEMU, RIO XINGU, PARÁ

Resumo

Apresentaremos os procedimentos e primeiros resultados da pesquisa arqueológica e etnoarqueológica realizada em maio de 2010, com o objetivo de localizar os antigos assentamentos Asurini às margens do igarapé Ipiaçava e verificar o potencial arqueológico dessa parte da T.I. Kuatinemu. Mostraremos que os arqueólogos e os Asurini protagonizaram o projeto, contribuindo com diferentes interesses e expertises na sua elaboração, organização logística, cronograma de atividades e na interpretação dos vestígios materiais encontrados. Relatando esta experiência, queremos contribuir ao debate sobre as práticas reflexivas e multivocais, destacando as contribuições que o diálogo multicultural e a expressão de diferentes formas de conhecimento e historicidade trazem à Arqueologia.

Palavras-chave: arqueologia colaborativa, multivocalidade, Asurini do Xingu.

COMMUNITY ARCHAEOLOGY IN AMAZONIA: KUATINEMU INDIGENOUS LAND, XINGU RIVER, PARÁ

Abstract

We present the procedures and preliminary results of archaeological and ethnoarchaeological research held in May 2010, with the objective of locating the Asurini do Xingu old settlements on the banks of the Ipiaçava river and verify the archaeological potential of this area of Kuatinemu Indigenous Land. Both the archaeologists and the Asurini Indians carried out the project, contributing with different interests and expertise in the preparation, organization, logistics, activities schedule and the interpretation of the rain forest landscape and material data. Reporting this experience, we wish to contribute for the debate about reflexive and multivocal practices, highlighting the multicultural dialogue and expression of different forms of knowledge and histories brought to Archaeology.

Keywords: community archaeology, multivocality, Asurini do Xingu.

ARQUEOLOGIA DECOLABORACIÓN EN LA AMAZONÍA: TIERRA INDÍGENA KUATINEMU, RIO XINGU, PARÁ

Resúmen

Este artículo presenta los procedimientos y los resultados preliminares de la investigación arqueológica y etnoarqueológica realizada en mayo de 2010, con el fin de encontrar antiguos asentamientos Asuriní en la ribera del río Ipiaçava y comprobar el potencial arqueológico de esta parte de la Tierra Indígena Kuatinemu. Los arqueólogos y los Asuriní llevaron a cabo el proyecto, contribuyendo con diferentes intereses y experiencias en su desarrollo, logística, cronograma de actividades y la interpretación de los restos materiales encontrados. Con esta experiencia queremos contribuir al debate sobre la práctica reflexiva y varias voces, destacando la contribución que el diálogo multicultural y la expresión de las diferentes formas de conocimiento y la historia traen a la arqueología.

Palabras-clave: arqueología de colaboración, multivocalidad, Asurini do Xingu.

O projeto de pesquisa “Território e História dos Asurini do Xingu: Um estudo bibliográfico, documental, arqueológico e etnoarqueológico sobre a trajetória histórica dos Asurini do Xingu (século XIX aos dias atuais)”, foi idealizado para compreender como esta população indígena amazônica vem (re)definindo seu modo de vida e identidade desde o encontro com os brancos e, ao mesmo tempo, como atua frente às forças do sistema econômico ocidental. O projeto teve origem em 2007, quando os Asurini manifestaram o interesse em visitar suas antigas aldeias na T.I. Kuatinemu e, ao mesmo tempo, vistoriar o território que há anos não percorriam e que começa a ser cobiçado por grileiros. Conforme os Asurini, “os jovens precisavam conhecer a história da ocupação desta terra e assumir a responsabilidade de zelar pela sua preservação”. Os velhos queriam rever suas antigas moradas e mostrar aos mais jovens parte da sua história. Os jovens, por sua vez, desejavam visitar estes antigos locais de ocupação dos seus ancestrais, conhecidos somente pelos relatos de seus pais e avós.

Neste artigo apresentaremos os procedimentos e primeiros resultados da pesquisa arqueológica e etnoarqueológica realizada em maio de 2010, com o objetivo de localizar os antigos assentamentos Asurini que ficavam às margens do igarapé Ipiaçava e verificar o potencial arqueológico dessa parte da T.I. Kuatinemu. Também pretendemos mostrar que os arqueólogos e os Asurini foram os protagonistas do projeto, contribuindo com diferentes interesses e expertises na elaboração

do projeto, na organização logística, no cronograma de atividades e na interpretação dos vestígios materiais encontrados nas antigas aldeias e sítios arqueológicos.

Esta experiência, assim como outras que vivenciamos em outros contextos (p. ex. Silva 2009; Silva et.al. 2010; Bepalez 2009; Stuchi 2010), reforçou o fato de que o interesse sobre o passado e as razões para a preservação deste conhecimento são múltiplas, contextuais e situacionais. Além disso, reiterou a perspectiva de que as práticas arqueológicas reflexivas e multivocais não conduzem automaticamente ao consenso entre os sujeitos nelas envolvidos. Contudo, mostrou que as diferenças podem estimular um profícuo diálogo e a expressão de diferentes formas de conhecimento e regimes de historicidade.

A PESQUISA ARQUEOLÓGICA COLABORATIVA

A reflexão sobre o processo de construção da pesquisa e suas conseqüências ganhou destaque na agenda dos debates ocorridos em diferentes fóruns científicos. A perspectiva interdisciplinar e a colaboração multicultural têm sido a tônica de vários projetos científicos que buscam complexificar a produção e utilização dos conhecimentos.

Essa reflexão vem fundamentando as críticas sobre a natureza colonialista da disciplina, provocando transformações nas práticas arqueológicas. As críticas são pautadas nos questionamentos sobre os benefícios e os beneficiá-

os das pesquisas arqueológicas, na relativização do direito e da capacidade dos arqueólogos de controlar o conhecimento sobre o passado e na eliminação da supremacia da interpretação científica em detrimento das interpretações êmicas sobre o passado. As transformações, por outro lado, têm conduzido ao desenvolvimento de práticas arqueológicas mais inclusivas, menos colonizadoras e, particularmente, nos contextos indígenas, de uma “indigenização” da arqueologia (p. ex. Smith e Wobst 2005, Colwell-Chanthaphonh e Ferguson 2008, Bruchac, Hart e Wobst 2010). Um dos resultados do processo reflexivo é a constatação de que é preciso investir na elaboração de projetos de arqueologia colaborativa com uma perspectiva mais dialógica, para construir o conhecimento sobre o passado de modo mais dinâmico e dialeticamente relacionado ao presente.

Em seu escopo mais amplo a Arqueologia Colaborativa (*Community Archaeology*), é entendida como uma prática arqueológica que visa estabelecer a colaboração e o envolvimento de diferentes coletivos nas questões relativas à pesquisa e gestão do patrimônio cultural (Marshall 2002; Merriman 2004; Tully 2007). A realização da pesquisa colaborativa, necessariamente, pressupõe o alinhamento de interesses e benefícios entre os cientistas e as comunidades a serem estudadas e/ou que ocupam os lugares a serem investigados. Porém, esse tipo de investigação não requer coesão de idéias ou interpretações sobre os fenômenos estudados, mas a valorização da multivocalidade ou, em outras palavras,

de perspectivas e conhecimentos de indivíduos ou grupos de indivíduos pertencentes a diferentes contextos disciplinares, institucionais e culturais (Adler e Bruning 2008, Kuwanwiswima 2008, Smith e Jackson 2008). Em contextos indígenas, esta abordagem pressupõe a perspectiva multicultural na construção do conhecimento e isto implica em contrapor diferentes modos de ver e conhecer o mundo, neste caso, dos arqueólogos/etnoarqueólogos e dos indígenas. É preciso compreender que as populações nativas têm uma relação dinâmica e dialética com o seu passado.

Em termos metodológicos, a prática colaborativa possui algumas estratégias fundamentais: 1) promover a interação social entre a equipe de pesquisa e a comunidade local; 2) manter a presença da equipe na área ao longo da pesquisa; 3) buscar recursos para beneficiar a comunidade local; 4) manter a comunidade inteirada sobre os procedimentos e andamento da pesquisa; 5) permitir o acesso fácil da comunidade aos vestígios arqueológicos coletados. Assim, o que caracteriza metodologicamente essa prática é: 1) a comunicação e colaboração com a comunidade em todo o processo da pesquisa; 2) o emprego e treinamento de membros da comunidade; 3) a preservação pública do patrimônio cultural; 4) a prática de entrevistas e pesquisa da história oral; 4) a produção de recursos educacionais; 5) a realização de vídeos e fotografias; 6) o controle comunitário da divulgação dos resultados (Moser et. al. 2002, Tully 2007).

A PESQUISA COLABORATIVA NA T. I. KUATINEMU

No Brasil, a maioria das pesquisas arqueológicas em território indígena parte da iniciativa do pesquisador e não das populações locais. Estas pesquisas têm diferentes motivações: 1) as situações de demarcação, manutenção e reivindicação de territórios tradicionais por parte dos coletivos indígenas; 2) a realização de empreendimentos que demandam trabalhos de arqueologia preventiva ou de arqueologia pública; 3) pesquisas acadêmicas com o foco na construção de uma história indígena de longa duração (p. ex. Eremites de Oliveira 1996, 2002, 2005, Eremites de Oliveira e Pereira 2009, Funari, Oliveira e Tamanini 2005, Robrahn-González 2005, Fausto 2006, Funari e Robrahn-González 2007, Moi 2007, Wüst 1991, Heckenberger 1996, Neves 1998, Rodrigues 2007, Bospalez 2009, Silva 2009, Silva et al. 2010, Stuchi 2010).

No caso da pesquisa entre os Asurini do Xingu, as motivações foram diversas e partiram da junção entre os interesses da pesquisadora² e dos próprios índios. De certa forma, o projeto resultou da prolongada convivência, do aprofundamento das relações sociais e de amizade e do entendimento mútuo: os Asurini compreendendo os objetivos das sucessivas pesquisas e como elas poderiam ser úteis aos seus interesses mais diversos, que iam da política até a transmissão de conhecimentos e a preservação da sua história; a pesquisadora conhecendo os Asurini, tanto nos termos da pesquisa, como em nível pessoal e dos diversos interesses coleti-

vos. A pesquisa colaborativa aflorou da necessidade dos velhos Asurini transmitirem sua história mais recente, que incluía levar os mais jovens aos antigos assentamentos onde aconteceu o contato com os brancos; aflorou também do grande interesse dos jovens em conhecer estes locais, tão presentes nas narrativas sobre o passado dramático da infância dos seus pais e da juventude dos seus avós, que quase desapareceram como povo indígena.

Um aspecto marcante da narrativa histórica pós-contato dos Asurini do Xingu, a partir dos anos 1970, trata das perdas populacionais devido às doenças infecciosas transmitidas pelos brancos e que causaram o desequilíbrio na sua pirâmide etária. Atualmente, mais da metade dos Asurini têm menos de 25 anos de idade. Müller (2002:204 e 206) refletiu sobre o fato, chamando a atenção para o desequilíbrio de uma sociedade com poucos adultos “com maior experiência da cultura tradicional” e com muitos jovens e crianças que têm “entre seus pares, experiências variadas de identidade, socialização, integração social, participação cultural, língua falada”. Diferentemente das velhas gerações, os jovens e as crianças vêm convivendo intensamente com o mundo branco, se deparando com novas realidades e tendo de construir sua identidade a partir desta situação de contato. Este desequilíbrio torna urgente, como os próprios Asurini verbalizam, o resgate e a preservação do conhecimento armazenado pelas velhas gerações sobre a história e o modo de vida Asurini.

Além da questão demográfica, outros aspectos também têm afetado a dinâmica cultural e a trajetória histórica Asurini. Ou seja, diferentes grupos de indivíduos, instituições e empresas com os mais variados interesses econômicos, políticos, científicos, sociais e religiosos vêm atuando junto a eles no cotidiano da aldeia (Silva 2005, 2007). Atualmente, vistoriar e proteger suas terras contra possíveis invasões de grileiros, posseiros e madeireiros, passou a ser crucial para os Asurini, que acompanham os embates relativos às tentativas de invasão das terras indígenas nesta região paraense do Baixo-Médio Xingu e, especialmente, no atual contexto de expectativa e especulação sobre a construção da UH Belo-Monte. A nova reestruturação da FUNAI também traz suas conseqüências como, por exemplo: 1) o surgimento de lideranças jovens com uma maior responsabilidade na resolução dos assuntos administrativos e problemas (sociais, políticos, econômicos) da aldeia; 2) o enfraquecimento do poder político e decisório das velhas gerações; 3) a percepção Asurini de uma maior autonomia na direção de seus destinos; 4) a insegurança com relação ao seu futuro, diante do enfraquecimento da tutela do órgão indigenista governamental.

Portanto, a formulação do nosso projeto de pesquisa e a sua execução estavam inseridas nesta conjuntura. Ou seja, a proposta de pesquisa foi motivada e conduzida a partir da demanda das velhas e novas gerações que temem a perda dos conhecimentos “tradicionais” e, ao mesmo tempo, se vêem di-

ante de novos desafios para o futuro de sua etnia. O projeto contemplou as estratégias metodológicas definidas para estabelecer a prática colaborativa: 1) os Asurini participaram na elaboração da proposta e na definição da logística do projeto; 2) foram os guias na expedição pelo igarapé Ipiaçava, definindo os locais de acampamento e indicando a localização dos sítios a serem pesquisados; 3) foram contratados como auxiliares no levantamento do potencial arqueológico da área e na logística da expedição pelo Ipiaçava; 4) foram responsáveis pela elaboração de parte do material audiovisual (Figura 1).

Durante a pesquisa, as velhas gerações prestaram depoimentos – gravados em áudio e vídeo - a respeito dos episódios pré e pós-contato lembrando as situações belicosas com outras populações indígenas desta região do Xingu (p. ex. Xikrin-Kayapó e Araweté), da localização dos antigos assentamentos e acampamentos, dos fatos que conduziram à necessidade de instalar suas aldeias na área do igarapé Ipiaçava e do seu contato com os brancos. Por outro lado, os jovens se encarregaram de acompanhar esses relatos, formulando



Figura 1 – Planejamento da pesquisa

os questionários na língua Asurini e, posteriormente, traduzindo os relatos para o português.

No trabalho de identificação dos antigos assentamentos e acampamentos, os velhos se ocuparam em indicar a localização dos mesmos e de mostrar aos jovens os sinais que confirmavam a existência desses antigos locais de ocupação (vegetação secundária/capoeiras, terra preta antropogênica (TPA), antigas trilhas na mata, vestígios de esteios da *tanyra*,³ cerâmica, material lítico, cemitérios). Os jovens, por sua vez, realizaram o trabalho pesado (p. ex. abrir picadas na mata, desobstruir o leito do igarapé Ipiaçava para a passagem das canoas, montar os acampamentos, conseguir e processar alimento), auxiliaram nas tarefas de coleta do material histórico/arqueológico, auxiliaram na tradução das informações dos velhos não-bilíngues e aprenderam a usar os equipamentos (p.ex. GPS, bússola, ferramentas de escavação). A divisão do trabalho por gênero e faixa etária foi definida pelos Asurini durante a organização logística da pesquisa, na aldeia Kuatnemu.

Velhos e jovens deram depoimentos sobre a pesquisa e, embora este material ainda não tenha sido devidamente processado e analisado, já foi possível observar que para ambas as gerações tratou-se de uma oportunidade de (re)ver uma parte da sua trajetória nestas terras do Xingu e, especialmente, no igarapé Ipiaçava. O trabalho produziu um profundo diálogo entre jovens e velhos, entre o passado e o presente Asurini e proporcionou uma experiência dos sentidos em cada um dos lugares investigados.

A LOGÍSTICA NA ÁREA DA PESQUISA

A navegabilidade do igarapé Ipiaçava muda conforme as estações do ano, fator que determina a dinâmica da pesquisa. A ida aos antigos assentamentos Asurini foi realizada em maio, entre as estações de chuva e seca, sendo o período ideal para o trabalho de arqueologia. É logisticamente oneroso ir para campo na estação chuvosa, pois as precipitações são torrenciais, dificultando o deslocamento fluvial e terrestre e a pesquisa. Contudo, fomos surpreendidos com várias chuvas torrenciais, no início de maio. Também seria difícil pesquisar a partir de junho, na estação seca, quando a vazão do Ipiaçava é muito rápida, com muitas corredeiras e pedras até os locais de ocupação à montante, acessíveis apenas para embarcações pequenas. Portanto, foi necessário estabelecer um cronograma rigoroso para a pesquisa. Controlamos diariamente a vazão do igarapé, pois havia o risco das condições de navegabilidade dificultarem sobremaneira ou até impedirem o retorno à aldeia Kuatnemu.

Outro aspecto importante e que precisou ser considerado durante a tomada de decisões sobre os procedimentos metodológicos a serem realizados na pesquisa arqueológica foi o número de pessoas envolvidas na pesquisa. Havia 55 pessoas acompanhando o trabalho, dentre homens, mulheres – jovens e velhos – e crianças e isto implicou em regular as atividades da pesquisa com a dinâmica de obtenção de alimentos (caça e pesca), os eventuais problemas de saúde, os conflitos interpessoais, os

ânimos e desânimos para o trabalho, etc. Realizar uma pesquisa arqueológica de caráter colaborativo e multicultural implica em relativizar nossas concepções de tempo, produtividade e eficiência de trabalho (Figura 2).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA DE CAMPO

Como essa etapa foi um diagnóstico do potencial arqueológico na T.I. Kuatinemu, aplicamos técnicas de levantamento (*survey*) arqueológico adaptadas ao contexto florestal. O *survey* pode ser o primeiro estágio de uma pesquisa arqueológica local e/ou regional, permitindo acessar aspectos dos sistemas de assentamentos do passado e descobrir artefatos e sítios arqueológicos que poderão ser investigados detalhadamente

no futuro. O *survey* pode abranger a exploração informal ou a investigação detalhada de sítios e artefatos de área ou região determinada; ou proporcionar amostragens representativas (sistemáticas ou assistemáticas) de vestígios materiais. Além disso, o *survey* pode ser feito com a inspeção visual (caminhamentos e sondagens) e com técnicas de sensoriamento remoto (Banning 2002).

A T.I. Kuatinemu possui densa cobertura vegetal, obrigando a considerar dois fatores para a logística e a duração do *survey*: visibilidade e acessibilidade. A visibilidade é a característica contextual que determina se os vestígios da superfície serão detectados com facilidade ou dificuldade. A acessibilidade é a condição contextual que determina



Figura 2 - Jovens Asurini escavando no Kuatinemu Velho.

o ingresso do arqueólogo nas áreas de pesquisa. Com a cobertura vegetal densa, a visibilidade dos vestígios tende a ser baixa e a acessibilidade pode ser difícil. Isso implica na combinação de estratégias de inspeção visual de superfície e de sub-superfície, optando por uma cobertura mais pontual, em locais com maior acessibilidade, com uma vegetação de estratos arbóreos/arbustivos menos compactos. Assim, quando um curso d'água é a melhor opção de ingresso, as técnicas de *survey* comumente adotadas são a inspeção visual de superfície e sub-superfície em clareiras e nos transects abertos na mata, com diferentes tipos de sondagem (p. ex. poços-teste, tradagens, *divotting* e/ou *shovel testing*, cf. Banning 2002). A inspeção visual de superfície e sub-superfície é complementada por observações *in loco* de ecofatos (solos antropogênicos, elevações no terreno, etc) ou bioturbações (árvores caídas, esconderijos de animais, etc) (Schiffer 1987:199-234). Quando a visibilidade e a acessibilidade dificultam o *survey* florestal, é difícil e demorado o levantamento com cobertura total (*full coverage*). Na densa floresta, para um diagnóstico preliminar, é comum: 1) levantamento com cobertura parcial (probabilística e oportunística); 2) realização de coletas de superfície (amostragem aleatória e sistemática) e/ou coletas de sub-superfície (amostragem sistemática); 3) coletas pontuais (amostragens pontuais) (Banning 2002:113-121).

Como os Asurini sabiam em quais áreas ao longo do igarapé Ipiaçava faríamos o *survey*, adaptamos a metodo-

logia da seguinte forma: 1) localização preliminar das antigas aldeias, visando detalhar a contextualização arqueológica posteriormente; 2) a inspeção visual das áreas pontuais indicadas pelos Asurini; 3) não abrimos *transects* para localizar os sítios, coletar material e realizar sondagens, pois não era objetivo da pesquisa delimitar a extensão dos sítios e a dispersão do material. O *survey*, portanto, foi conduzido de forma oportunística, com cobertura parcial, amostragens aleatórias e pontuais dos vestígios materiais (Plog, Plog e Wait 1978, Redman 1973).

A pesquisa colaborativa no *survey* emergiu da mescla entre o conhecimento territorial e da vegetação pelos velhos Asurini, com as técnicas da arqueologia. A memória da ocupação de um território no interior da floresta e dos seus sinais de antropização, como os antigos caminhos, as roças, as aldeias, as plantas, a vegetação manejada e a sucessão vegetal, foram determinantes para guiar e definir as áreas pontuais do levantamento arqueológico. Com precisão ou com pequena margem de erro, a memória espacial dos antigos lugares de habitação e exploração de recursos, nos levou aos locais certos para a pesquisa.

A CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL DA T. I. KUATINEMU

A T. I. Kuatnemu fica na Amazônia Oriental, com 387.834 ha, nos municípios de Altamira e Senador José

Porfírio, Estado do Pará. Seus limites territoriais: 1) norte: igarapé sem nome, próximo à Serra do Escalaço, até sua foz no rio Xingu, mais as cabeceiras dos igarapés Itaúna e Itatá; 2) sul: todo o igarapé Piranhaquara; 3) leste: médio-alto igarapé Ipiaçava, conectado por uma divisa seca até as cabeceiras do Piranhaquara; 4) oeste: o médio-baixo Xingu (Figura 3).

A área situa-se na Depressão Periférica do Sul do Pará, em uma faixa de transição de domínios morfoclimáticos, constituídos por depressões, colinas, colinas de topo aplainado e vales pouco encaixados, cobertos principalmente por florestas abertas mistas. A T. I. Kuatinemu guarda uma diversidade ecológica que não foi totalmente estudada, havendo apenas os dados do Projeto RADAMBRASIL (1974a, 1974b). O clima da região, pela classificação de Köppen, compreende a zona climática A (tropical chuvoso), com a variação tropical de monção Am, com chuvas do tipo monção. O clima tropical de monção da área é intermediário entre

o tropical de floresta Af (temperatura média anual de 26°C, amplitude não ultrapassa 5°C) e o tropical de savana Aw (regime de chuvas com estação seca bem acentuada no inverno (junho a novembro), com pelo menos um mês com chuva inferior a 60 mm). A época com mais chuva é dezembro-maio, com variação média entre 2500-2750 mm.

O solo predominante é o podzólico vermelho-amarelo, variando em sua associação com outros tipos de solos conforme o relevo. As colinas de topo aplainado apresentam solo podzólico associado aos solos dos tipos plíntico, latossolo vermelho-amarelo, terra roxa estrutural eutrófica e solos concrecionários lateríticos indiscriminados. Já os relevos com formas de mesa e *inselbergs*, possuem solos podzólicos associados com solos litólicos distróficos (RADAMBRASIL 1974a e b).

A formação de floresta aberta mista caracteriza-se por conter grandes árvores, com freqüentes grupamentos de palmeiras e enorme quantidade de fenerófitas sarmentosas que envolvem as árvores e cobrem inteiramente o estrato inferior. Na T.I. Kuatinemu possui fisionomias ecológicas Mista (Cocal) e Latifoliada (Cipoal). A Floresta Mista é uma formação de palmeiras e árvores latifoliadas sempre verdes, bem espaçadas, de altura irregular (10-25m), com agrupamentos de palmeiras babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex. Spreng.) nos vales rasos, e concentrações de nanofoliadas decíduas nos testemunhos quartzíticos das superfícies aplainadas. A Floresta Latifoliada é uma formação arbórea total ou parcialmente envolvi-

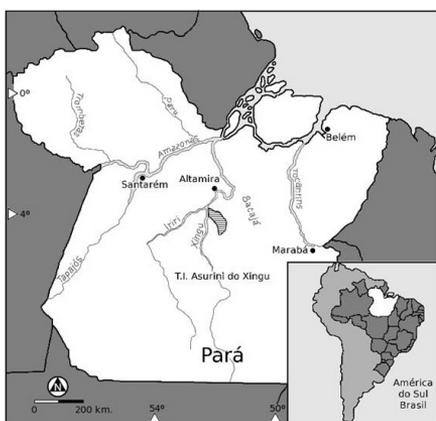


Figura 3 – Mapa de localização da terra indígena Asurini.

da por lianas, cujas feições, ditadas pela topografia, constituem nas áreas aplainadas uma fisionomia florestal bastante aberta, de baixa altura (raramente passa dos 20m). Já nas áreas mais acidentadas, com estreitos vales ocupados por linhas de babaçu e largas encostas cobertas por cipoal, as árvores são mais altas (<25m) e densamente distribuídas. Dentro dos limites da T.I. Kuatinemu encontra-se, em menor escala, a Floresta Densa (Ombrófila), classe sub-montana, nos contornos da Serra do Bacajá. A Floresta Densa caracteriza-se pelas grandes árvores, com mais de 50m, que sobressaem entre 25-35m de altura do estrato arbóreo, porém, quando ocorre na classe sub-montana, sua estrutura apresenta-se mais baixa (<10-15m) (RADAMBRASIL, 1974a e b). Por fim, as inúmeras ilhas que compõe a planície fluvial do rio Xingu possuem solos aluviais e hidromórficos indiscriminados (eutróficos e distróficos), cujos terraços são cobertos por Floresta Densa, com estrutura complexa, rica em palmeiras (como açai – *Euterpe sp.* e a buritirana – *Mauritia armata* Mart.).

Ressalta-se que a fonte dos dados da descrição ambiental enquadra-se dentro de uma epistemologia que, segundo Balée (1989:95), é excessivamente naturalística, que geralmente explica os tipos de vegetação como provenientes da idade e da estrutura geológica do substrato, da composição e estrutura do solo, do tipo de água aproveitável, das condições de drenagem, da quantidade e distribuição das chuvas. Tais fatores, em parte, podem ser relacio-

nados com a fitogeografia amazônica, agindo separadamente ou em combinação. Contudo, pesquisas no âmbito da ecologia histórica e das etnociências revelam que os ambientes não podem continuar sendo vistos exclusivamente como formações primárias, mas também como o resultado do manejo, ou seja, da manipulação humana de componentes orgânicos e não orgânicos de forma consciente ou inconsciente, conformando paisagens vivas.

Na T. I. Kuatinemu, durante a nossa expedição ao igarapé Ipiaçava, constatamos a ocorrência das formações florestais apresentadas pelo RADAMBRASIL, principalmente, a formação mista de palmeiras e árvores latifoliadas. Praticamente todos os locais visitados e que consistiram de aldeias antigas e acampamentos, apresentavam este tipo de vegetação, com predomínio de palmeiras de babaçu. Por se tratar de sítios histórico/arqueológicos, por apresentarem TPA e áreas com evidências de manejo de roças, de trilhas, etc, é certo que sejam áreas de florestas culturais. Os Asurini classificam essas formações, o que é outro indicador de manejo da paisagem. Foram coletados dados etnográficos sobre este etnoconhecimento botânico, porém, os mesmos ainda não foram totalmente processados e analisados.

OS SÍTIOS HISTÓRICOS/ARQUEOLÓGICOS NA T. I. KUATINEMU

Localizamos seis sítios históricos/arqueológicos e 1 área de ocorrência arqueológica⁴ (figura 4). Na sua maioria

são sítios multicomponenciais (históricos e arqueológicos) com uma estratigrafia que não ultrapassa os 50cm de profundidade. A maioria apresenta em superfície a associação de vestígios da ocupação Asurini com evidências de outras ocupações arqueológicas. Os materiais encontrados foram, principalmente, fragmentos cerâmicos e materiais líticos e, em menor quantidade, vestígios orgânicos, incluindo carvões colhidos para datação.

Os registros históricos/arqueológicos da T.I. Kuatinemu podem ser entendidos como correlatos da dinâmica histórica e cultural das populações indígenas que ocuparam a área. Assim, enquanto os conjuntos atribuídos aos Asurini podem ser compreendidos no âmbito das transformações sócio-culturais devidas ao contato, os componentes arqueológicos podem estar relacionados com a trajetória de grupos culturalmente diversos, como as sociedades agricultoras, sedentárias, densas e complexas detectadas arqueologicamente em vários pontos da Amazônia. A análise dos vestígios materiais e a datação das amostras arqueológicas



Figura 4 – Fragmentos de cerâmica encontrados durante a prospecção

contribuirão para definir a variabilidade artefactual e a cronologia das ocupações indígenas nesta área do rio Xingu.

SÍTIO ALDEIA KUATINEMU (TI-KTM-01)

Está situado na atual sede da T. I., em um grande terraço fluvial não inundável, à margem direita do rio Xingu, margem direita da foz do igarapé Ipiaçava (coord. UTM 22M 0324327/9552274). Ele dista cerca de 100 km do município de Altamira e o acesso à área é via fluvial pelo Xingu, na direção sul.

Os materiais arqueológicos abundam nas áreas dos espaços domésticos, onde os solos têm pouca ou nenhuma cobertura vegetal, perturbados por processos erosivos antrópicos e naturais. É provável que o sítio exceda os limites da área ocupada atualmente, cuja definição será uma tarefa futura. O registro arqueológico é constituído por fragmentos e vasilhas cerâmicas inteiras, vestígios líticos de lascamento e polimento, restos de alimentação, carvões, sedimentos antrópicos, restos industrializados, feições e estruturas diversas. Decidimos, em consenso com os Asurini, fazer um poço-teste de 1m² em uma lixeira no limite do quintal e a capoeira, onde há materiais arqueológicos de outras populações que se assentaram na área. A superfície do poço-teste possui sedimento com textura arenosa fina, coloração preta (7.5YR2.5/1). A base da camada arqueológica nesta área do sítio está a 50cm de profundidade. Coletamos 940 materiais arqueológicos, mais sete amostras de 10cm³ de sedimentos para flotação, três

amostras estratigráficas em tubo PVC (para datas TL). Coletamos materiais para datação C^{14} a partir do nível 3, devido às condições da estratigrafia e para não contaminar as amostras.

Conforme as observações *in loco*, os registros da ocupação Asurini, iniciada em 1984, são diferenciados dos vestígios deixados por outros grupos no contexto arqueológico. Assim, enquanto os primeiros são formados por densidade considerável de material vegetal, ósseo e industrial, além do cerâmico, os outros são constituídos por densidades maiores de materiais cerâmicos e líticos e por poucos vestígios orgânicos e industrializados. Todavia, claro está que ambos os conjuntos estão misturados nos níveis 1, 2 e, talvez, nos níveis 3 e 4, devido às perturbações antrópicas e naturais. Apesar da ocorrência de fragmentos engobados de vermelho, bordas infletidas e paredes carenadas, o material cerâmico não-Asurini coletado no poço-teste é majoritariamente constituído por fragmentos patinados de vasilhas lisas, sem muitos atributos decorativos plásticos e cromáticos, sobretudo os vasilhames com contorno composto ou complexo. Todavia, destaca-se que observamos vários fragmentos decorados com pinturas e incisões, dotados de pontos de inflexão e de ângulo nas áreas de maior visibilidade do sítio. Afora isso, como indicaram os próprios índios, o componente em questão apresenta fragmentos mais espessos que os conjuntos identificados como Asurini.

Os materiais líticos retirados do poço-teste, coletados majoritariamente nos

níveis 3 e 4, não foram reconhecidos pelos Asurini como pertencentes a eles, uma vez que disseram que desconheciam as técnicas de confecção destes artefatos. Encontramos vestígios em lascas, núcleos e percutores, confeccionados em quartzo, quartzito, silexito, granito e arenito; e de polimento, em alisadores, polidores, calibradores e fragmentos de lâmina de machado e de mão de pilão, em granito e rochas verdes. Além do mais, cabe ressaltar que há uma grande oficina lítica formada por bacias e sulcos de polimento no afloramento granítico localizado no porto da aldeia (Silva 2000 e 2002).

SÍTIO AVATIKIRERA (TI-KTM-02)

A sua localização foi mencionada pelos Asurini durante a escavação do poço-teste na Aldeia Kuatinemu. O Avatikirera foi o primeiro local ocupado por eles na margem do Xingu. O assentamento começou em 1982, por influência da FUNAI, quando os Asurini abandonaram o Kuatinemu Velho, no baixo Ipiçava, e terminou após dois anos, com a mudança para a aldeia atual. O abandono do Kuatinemu Velho e o aldeamento no Avatikirera ocorreram por fatores logísticos da assistência prestada pela FUNAI e para prevenir o ataque dos Araweté. Também pela proximidade de recursos naturais, sobretudo peixes e por fatores culturais de caráter mítico-religioso, ligados à relação dos Asurini com a morte e o sobrenatural. Muitos dos membros do grupo vitimados pelas doenças transmitidas pós-contato foram enterrados na *tayva* do Kuatinemu Velho, onde

existem muitos *aninga* (espíritos). O abandono do Avatikirera enquanto assentamento residencial, uma vez que o local continua sendo utilizado como área de coleta, caça e agricultura, ocorreu devido às inundações sazonais.

O acesso à Avatikirera é via fluvial, pelo rio Xingu, a meia hora de navegação para o norte, desde Kuatnemu. O sítio está em um terraço fluvial parcialmente inundável, perto da margem direita da foz do Ipiaçava com o Xingu (coord. UTM 22M 0324420/9553966). A cobertura vegetal é predominantemente mata ciliar e secundária, com destaque para as roças, áreas também usadas para caça, onde são encontrados ecofatos utilizados na subsistência e na captação de matérias-primas. Na superfície os sedimentos são areia fina, cor preta (7.5YR2.5/1), serrapilheira e vegetação de pequeno porte, bem como materiais deixados pelos Asurini e, provavelmente, pelos outros grupos que ocuparam a área.

Os materiais Asurini são semelhantes aos da Aldeia Kuatnemu, constituídos por fragmentos de vasilhas cerâmicas, restos de alimentação, refugos de materiais industrializados, estrutura do Posto da FUNAI (construído em alvenaria), canoa abandonada e ecofatos. Devido ao caráter pontual das atividades realizadas no *Avatikirera*, não separamos os elementos Asurini dos não-Asurini, porém a ocorrência desses últimos foi aventada devido à detecção de uma bacia de polimento sobre um matacão granítico no porto do sítio (Silva 2002). Além do registro do sítio, fizemos coletas de superfície as-

sistemáticas e pontuais e tradagem, resultando em 166 fragmentos cerâmicos, 11 restos de alimentação e quatro líticos.

A análise das evidências poderá solucionar as questões sobre a variabilidade artefactual no Avatikirera, porém somente a realização de atividades mais sistemáticas, como a definição do processo de ocupação e a sua datação, mais a análises das amostras é que vão mostrar se o sítio apresenta elementos que podem ser atribuídos às outras populações indígenas que ocuparam a área, além da bacia de polimento detectada no matacão próximo ao porto. Contudo, os ecofatos e refugos de materiais industrializados, mais as características dos fragmentos cerâmicos e as informações etnográficas indicam que os materiais coletados foram descartados pelos Asurini.

SÍTIO KUATNEMU VELHO (TI-KTM-03)

O Kuatnemu Velho, também chamado de Aldeia Velha, foi o primeiro aldeamento Asurini organizado pela FUNAI, em 1972. A ocupação do Kuatnemu Velho perdurou por mais de 10 anos, até a mudança para o Avatikirera e, posteriormente, para a Aldeia Kuatnemu. Além de ser um destacado marco paisagístico e ser utilizado em atividades de caça, pesca e coleta, o sítio possui um grande valor simbólico para os Asurini, devido aos sepultamentos dos seus parentes na casa comunal (*tanyva*).

Ele está localizado, aproximadamente, a 20 Km da Aldeia Kuatnemu, e o acesso é via fluvial, subindo o igarapé

Ipiaçava, por cerca de 4 horas com motor-rabeta. O sítio está implantado no topo de um grande terraço fluvial não inundável, na margem direita (coord. UTM 22M 0338082/9545402). A vegetação apresenta mata secundária mais desenvolvida que no Avatikirera, floresta e ecofatos. Na superfície os sedimentos têm textura argilo-siltosa, cor preta (7.5YR2.5/1), provável origem antrópica, serrapilheira, vegetação de pequeno porte. Encontram-se vestígios Asurini e arqueológicos. Como na Aldeia Kuatinemu e no Avatikirera, os elementos Asurini apresentam-se misturados aos materiais arqueológicos, na superfície e na subsuperfície. São fragmentos de vasilhas cerâmicas, restos de alimentação, refugos de materiais industrializados, ecofatos e restos de estruturas, entre as quais se destacam os vestígios da *tayvra*, seus esteios, sepulturas e respectivos acompanhamentos, sobretudo vasilhas emborcadas ainda inteiras, já cobertas pela vegetação. O componente não-Asurini apresenta alta densidade de fragmentos cerâmicos, grande extensão de solos antropogênicos, estratigrafia sem presença de materiais orgânicos e industriais, bem como vestígios líticos de lascamento e polimento, como as bacias e sulcos da oficina lítica no afloramento granítico do porto do sítio.

Fizemos registro, coleta de superfície e escavação de poço-teste, resultando em 886 materiais arqueológicos (803 cerâmicas, 72 restos faunísticos de alimentação, 7 líticos, 2 amostras de carvões, 2 vidros). A coleta de superfície foi realizada no entorno da es-

cavação do poço-teste, um antigo espaço doméstico Asurini. A estratigrafia apresentou duas camadas distintas, onde conseguimos amostras para datas TL e verificamos a presença de ocupação arqueológica, como fragmentos de vasilha cerâmica com a face externa acordelada e líticos lascados e polidos.

SÍTIO ITAPEMU'U (TI-KTM-04)

É um acampamento Asurini na margem direita do médio curso do Ipiaçava (coord. UTM 22M 0352567/9538272), utilizado esporadicamente nos deslocamentos casuais pelo igarapé. A partir do Kuatinemu Velho chega-se ao Itapemu'u após 4 horas de rabeta contra a corrente, na direção Leste. No final dos anos 1960, antes e durante o contato, quando os Asurini estavam dispersos em acampamentos familiares e na aldeia Taiuviaka, o Itapemu'u foi ocupado de modo mais permanente.

A cobertura vegetal é formada por ecofatos, capoeira e pela mata ciliar do igarapé. Na superfície os sedimentos possuem textura silte-argilosa, cor preta (7.5YR2.5/1), cobertos por serrapilheira, vegetação de pequeno porte e vestígios Asurini e arqueológicos. Em se tratando dos primeiros, foram observados, além dos ecofatos, fragmentos de vasilhas cerâmicas, refugos de materiais industrializados e restos faunísticos de alimentação. Já as evidências não-Asurini constituem-se de grandes extensões de sedimentos escuros, provavelmente antropogênicos, fragmentos cerâmicos em alta densidade, com destaque para a ocorrência de faces externas corrugadas

e decoradas com incisões geométricas e apliques zoomorfos, além de líticos polidos, como lâminas de machado e bacias e sulcos de polimento nos afloramentos graníticos à margem do Ipiaçava.

Realizamos coleta assistemática de superfície e escavação com duas tradagens. A coleta de superfície foi efetuada em uma área ampla do sítio e resultou em 750 cerâmicas, 5 líticos e 6 restos faunísticos de alimentação. Também foram coletados materiais arqueológicos além dos limites da terra-preta, com baixa densidade. As tradagens foram escavadas nas áreas do sítio com sedimentos antropogênicos e grande densidade de materiais arqueológicos desde a superfície, com 30 cm de diâmetro e 1m de profundidade, revelando 2 camadas estratigráficas, (14 cerâmicas, 1 lâmina de machado granito polido, 2 líticos, 1 resto faunístico). Trata-se de um sítio com grande potencial arqueológico que merece ser pesquisado no futuro.

SÍTIO AKAPEPUÑGI (TI-KTM-05)

O Akapepuñgi, também chamado Aldeia do Padre, foi o acampamento onde o missionário Anton Lukesh reuniu os Asurini após o contato, no início da década de 1970 (Lukesh 1976). Os Asurini permaneceram na área até a mudança para o Kuatinemu Velho, em 1972. O sítio também possui grande valor simbólico para os Asurini, pois muitos membros do grupo faleceram no local, devido às doenças contraídas durante o contato e foram enterrados

na *tavyva* construída neste local.

Localizado à meia hora do Itapemu'u, subindo o Ipiaçava, Akapepuñgi está implantado em um terraço fluvial não inundável, na margem direita do igarapé (coord. UTM 22M 0354461/9539498). A superfície apresenta topografia ondulada, sedimento arenoso, grosso, mosqueado, marrom (7.5YR5/3) e cinza muito escuro (7.5YR3/1), serrapilheira, vegetação rasteira e materiais arqueológicos, principalmente fragmentos de vasilhas cerâmicas, restos faunísticos de alimentação – sobretudo jabuti e porco-do-mato – e refugos de materiais industrializados, como fragmentos de frascos de vidro e pilhas esgotadas. A cobertura vegetal é formada por mata secundária, mata ciliar e ecofatos.

Foi realizada coleta assistemática e a escavação de duas tradagens. A coleta foi feita em uma área ampla do sítio, resultando em 284 fragmentos de vasilhas cerâmicas, 129 restos de faunísticos de alimentação, 24 vidros, 14 metais, 7 plásticos, 4 líticos e 2 lascas de madeira. Os vestígios estavam dispersos por todo o sítio, mas observamos áreas com maior densidade de materiais e sedimento silte-argiloso, preto (10YR2/1), provavelmente antropogênico, serrapilheira e vegetação de pequeno porte. Conforme os índios que moraram no local, essas concentrações eram parte do espaço doméstico e das lixeiras. Nas escavações, apenas a tradagem 2, com 30cm de diâmetro e 1m de profundidade, em uma das concentrações, resultou na coleta de 4 cerâmicas e 1 pilha. Foram observadas 3 camadas em subsuperfície, mas

os materiais arqueológicos estavam apenas na camada A, formada por sedimento semelhante ao da superfície, com presença de carvões, entre a superfície e 12cm de profundidade. A camada B, entre 12 e 50cm, possui sedimento areno-argiloso marrom-escuro (7.5YR3/6) e a camada C, de 50cm a 1m, tem sedimento argiloso, marrom-forte (7.5YR4/6). Não foram detectados contextos arqueológicos sem refugos de materiais industrializados e nem materiais diagnósticos das outras ocupações ou grandes extensões de sedimentos antropogênicos.

SÍTIO ALDEIA TAIUIAKA (TI-KTM-06)

Taiuviaka foi a última aldeia Asurini antes do contato, sendo abandonada há aproximadamente 50 anos (Lukesh 1976). Surgiu das perseguições dos Araweté e Kayapó e foi estabelecida estrategicamente em uma área de difícil acesso, a 4 km da margem direita do alto curso de um tributário do Ipiaçava (coord. UTM 22M 0362390/9540756). Fica a 8 horas do sítio Itapemu'ú, subindo o Ipiaçava e, aproximadamente, a 50 Km da Aldeia Kuatinemu. O sítio também possui grande valor simbólico para os Asurini, devido à presença de sepulcros dos antepassados na *tavyva* construída no local. Existem muitas semelhanças com Akapepuñgi, nos contextos sistêmicos e nos arqueológicos, que serão investigados futuramente, especialmente em relação à introdução de materiais industrializados, em densidade menor que os demais sítios.

A vegetação apresenta mata secundária,

floresta e ecofatos. Na superfície os sedimentos são majoritariamente formados por areia grossa, mosqueada, cinza-muito-escuro (7.5YR3/1) e marrom (10YR5/3), serrapilheira e vegetação de pequeno porte, com presença de materiais arqueológicos em baixa densidade, sobretudo fragmentos de vasilhas cerâmicas e garrafas de vidro. Foram realizadas coleta assistemática de superfície e escavação com duas tradagens. Com a coleta de superfície foram recolhidos dezenas de fragmentos cerâmicos e alguns materiais líticos, entre os quais destacamos um bloco com função de amolador encontrado na forquilha de uma árvore. Os materiais cerâmicos coletados em superfície foram achados na área do antigo espaço doméstico de Taiuviaka, em uma concentração de sedimento arenoso, grosso, mosqueado, marrom-muito-escuro (10YR2/2) e marrom (10YR5/3), provavelmente antropogênico, com serrapilheira e vegetação rasteira. Encontramos fragmentos de vasilhas cerâmicas e vasilhas cerâmicas quase inteiras no interior da *tavyva*. Embora os Asurini não permitam a coleta dos acompanhamentos funerários, por conta das interdições simbólicas, um Asurini trouxe uma vasilha quase inteira do cemitério, sob alegação de que a mesma pertencia a um parente seu, com o objetivo de doá-la à pesquisadora.

Também foram coletados materiais arqueológicos em subsuperfície, apenas no trado 2, com 30cm de diâmetro e 1m de profundidade. Encontramos duas camadas, com as cerâmicas ocorrendo apenas na camada A, pois a camada B apresen-

tava-se arqueologicamente estéril, sendo constituída por areia grossa, marrom (10YR5/3) (Figura 5).

ÁREA DE OCORRÊNCIA 1 (TI-KTM-OC-01)

A área de ocorrência 1 foi detectada no acampamento à meio caminho de Taiuviaka (coord. UTM 22M 0364824/9537874). Trata-se de um fragmento cerâmico liso, espesso, grande e com queima oxidante incompleta, achado isolado em um banco de areia no barranco da margem direita do Ipiaçava. O fragmento apresenta arredondamento nos bordos, o que pode indicar transporte via ação fluvial. Foram realizadas buscas por outros materiais no entorno, porém mais nada foi encontrado, o que necessariamente não eliminada a possibilidade de haver um sítio arqueológico nas proximidades.



Figura 5 - Fragmentos de cerâmica com roletes à mostra

OS SÍTIOS HISTÓRICOS/ARQUEOLÓGICOS E A PARTICIPAÇÃO DOS ASURINI

O trabalho de localização dos sítios históricos/arqueológicos foi realizado com a participação imprescindível dos Asurini. Além de lembrar a localização

dos seus antigos assentamentos, foram perspicazes em identificar os locais de ocorrência de material lítico e cerâmico de sítios de ocupações não-Asurini⁵. Cabe ressaltar que em cada um dos sítios foi possível levantar questões de interesse etnoarqueológico (p. ex. uso do espaço, interpretaçãoêmica dos vestígios arqueológicos e históricos, indicadores de domesticação da paisagem).

A colaboração dos Asurini na determinação dos locais de realização das tradagens e poços-teste foi muito importante, tendo em vista que possibilitou a localização precisa de antigas áreas de habitação doméstica, deposição de lixo, espaços comunitários/rituais e área de construção das casas comunais (*tayva*). Os velhos moradores das aldeias tinham uma memória muito precisa sobre a distribuição das estruturas e dos espaços domésticos e coletivos. Em outros trabalhos já foram desenvolvidas explicações etnoarqueológicas sobre o uso do espaço entre os Asurini e não pretendemos repetir estas considerações neste texto (Silva 2000, 2003). No entanto, gostaríamos de salientar que a experiência de identificar as áreas de atividades nas antigas aldeias, junto com os Asurini, bem como direcionar as intervenções arqueológicas a partir destas indicações foi um exercício metodológico interessante na medida em que testamos um modelo etnoarqueológico anteriormente elaborado em uma aldeia Asurini “viva”. Ou seja, pudemos confirmar um padrão recorrente de uso do espaço entre os Asurini que é a manutenção de um espaço doméstico nas áreas adjacentes

Quadro 1

Sítio	Sigla	UTM	Implantação	Vegetação	Sedimento	Descrição	Atividade	Coleta	Observações
Kuatinemu	TI-KTM-01	22M 24327/ 9552274	Terraço fluvial não inundável, margem direita do médio Xingu, à montante da foz do igarapé Ipiçava	Gramíneas, roçados, pomares, áreas de manejo, capoeiras e florestas	Arenoso, argiloso, areno-siltoso e areno-argiloso preto, cinza e marrom, formados por processos culturais e naturais	Situado na atual sede da T.I. Kuatinemu. Os depósitos apresentam elementos Asurini e não-Asurini	Registro escrito, fotográfico, visual, e poço-teste	Cerâmica, lítico, metal, carvão, ossos de fauna, plástico e sedimentos	Foram localizadas duas oficinas líticas (Silva 2000, 2002). Foi coletada amostra para data TL, em torno do séc. XI, na abertura de latrina (Silva et al 2004)
Avatikirera	TI-KTM-02	22M 0324420/ 9553966	Terraço fluvial inundável, margem direita do Xingu, à jusante da foz do Ipiçava	Ecofatos, roçados, capoeira e floresta	Arenoso preto, provável TPA; areno-argiloso preto, originado por processos naturais	O sítio é formado por elementos Asurini e não-Asurini. Foi a primeira aldeia Asurini no rio Xingu	Registro escrito, fotográfico, visual, coleta de superfície e tradagem	Cerâmica, ossos de fauna, lítico	Materiais industrializados associados aos Assurini. Oficina lítica associadas às ocupações não-Asurini. Área é usada em diversas atividades
Kuatinemu Velho	TI-KTM-03	22M 0338082/ 9545402	Terraço fluvial não inundável, margem direita do baixo Ipiçava	Ecofatos, capoeira e floresta	Silte-argiloso preto, provável TPA; argiloso, cinza-escuro e marrom, possível origem natural	O sítio é formado por elementos Asurini e não-Asurini	Registro escrito, fotográfico e visual, coleta de superfície e poço-teste	Cerâmica, ossos de fauna, lítico, carvão e sedimentos	O sítio contém Tavyva abandonada no início dos anos 1980. Existe oficina lítica. A área é usada em diversas atividades
Itapemuí	TI-KTM-04	22M 0352567/ 9538272	Baixa encosta de colina suave, margem direita do médio Ipiçava	Ecofatos, capoeira e floresta	Silte-argiloso preto, provável TPA; argiloso marrom-amarelado, possível origem natural	O sítio é formado por elementos Asurini e não-Asurini	Registro escrito, fotográfico, visual, coleta de superfície e tradagens	Cerâmica, ossos de fauna e líticos	Materiais industrializados associados aos Asurini. Oficina lítica associada às ocupações não-Asurini. A área é usada para diversas atividades
Akapepugi	TI-KTM-05	22M 0354461/ 9539498	Terraço fluvial não inundável, margem direita do médio Ipiçava	Ecofatos, capoeira e floresta	Silte-argiloso preto, provável TPA; areno e areno-argiloso marrom-escuro, e argiloso marrom, origem natural	O sítio é formado apenas por elementos Asurini	Registro escrito, fotográfico, visual, coleta de superfície e tradagens	Cerâmica, ossos de fauna e materiais industrializados	Os Asurini foram aldeados na área pelo padre Anton Lukesh, início dos anos 1970
Taiuviaka	TI-KTM-06	22M 0362390/ 9540756	Colina suave na margem direita de nascente fluvial tributária da margem direita do médio Ipiçava	Ecofatos, capoeira e floresta	Arenoso marrom-acinzentado-muito-escuro, provável TPA; areno marrom-escuro e marrom, de origem natural	O sítio é formado apenas por materiais Asurini. Foi a última aldeia formada antes do contato com os brancos.	Registro escrito, fotográfico, visual, coleta de superfície e tradagens	Cerâmica, ossos de fauna e materiais industrializados	Os Asurini foram aldeados na área pelo padre Anton Lukesh, início dos anos 1970
Área de ocorrência 1	TI-KTM-Oc-01	22M 64824/9537874	Confluência da margem direita de tributário da margem direita do Ipiçava	Mata ciliar	Arenoso marrom	Fragmento isolado de vasilha, em local usada como acampamento Asurini	Registro escrito, fotográfico, visual e coleta de superfície	Cerâmica	O fragmento pode ter rolado pela ação fluvial

e/ou periféricas da *tavyva* e, ao mesmo tempo, constituir áreas de descarte nas áreas adjacentes e/ou periféricas das suas casas (*agui*).

Outro dado levantado nesta pesquisa colaborativa com os Asurini foi perceber que os assentamentos ficavam em locais visivelmente domesticados em termos da paisagem. Espécies vegetais como cuieiras, bananeiras e limoeiros são comuns nos antigos e atuais assentamentos Asurini; eles, inclusive, revisitam estes locais antigos em busca destes recursos. Além disso, a localização dos locais mais antigos, como *Taiuviaka*, foi realizada a partir da observação da vegetação e, especialmente, das chamadas capoeiras que se diferenciam da mata primária ou *kaa etc*. Na aldeia *Akapepuñgi* ocorreu, inclusive, um fato interessante: Takiri Asurini se afastou do grupo por uma hora e ao retornar trazia um saco plástico cheio de produtos vegetais coletados na área próxima de captação de recursos do assentamento (plantas medicinais, matéria-prima para a confecção de flechas, plantas para o preparo do corpo, matéria-prima lítica para a confecção de vasilhas cerâmicas). Ou seja, os assentamentos são ao mesmo tempo locais de moradia e de manejo da paisagem. Finalmente, é interessante dizer que os sítios Kuatinemu Velho e Itapemu´u ficavam sobre manchas de TPA.

Em todos os sítios investigados – com exceção do sítio Taiuviaka – se observa a presença de material arqueológico associado aos vestígios da ocupação Asurini. Em cada um deles os Asurini fizeram a distinção entre os materiais

relacionados com a ocupação de seus “parentes” e aqueles oriundos de seus ancestrais míticos. O critério utilizado pelos Asurini para diferenciar os vestígios materiais se baseava na identificação da espessura das paredes das vasilhas, acabamento de superfície e, eventualmente, sua forma e correlativa função. Os fragmentos cerâmicos e, eventualmente, as vasilhas consideradas de origem Asurini eram aquelas com acabamento de superfície liso, paredes com menos de 0,5 cm, com formas reconhecidas pelas ceramistas como pertencentes ao seu conjunto artefactual. Os fragmentos cerâmicos atribuídos aos ancestrais míticos eram aqueles que apresentavam paredes mais espessas e, eventualmente, acabamentos de superfície com decoração plástica (p. ex. incisos, corrugados, roletados e aplicados).

Os Asurini do Xingu têm suas próprias interpretações sobre os materiais arqueológicos encontrados em seu território e, especialmente, sobre as oficinas líticas e os vestígios cerâmicos que são abundantes por toda a T.I. Eles também reutilizam alguns destes materiais arqueológicos em seu cotidiano como, por exemplo, bigornas e amoladores líticos (Silva 2000, 2002).

Segundo eles, as bacias de polimento e os polidores em canaleta encontrados nos afloramentos rochosos ao longo do rio Xingu e do igarapé Ipiaçava são as marcas deixadas por *Maira* – entidade mítica – no tempo em que a terra era mole, antes da catástrofe que derubou o céu sobre eles. Os vestígios cerâmicos, por sua vez, foram feitos

por *Anumai*, irmã dos xamãs primordiais e a primeira *uirasimbé* – dona do mingau – que deixou o mundo dos homens por causa de um confronto com *Tapijawara* – ser sobrenatural monstruoso – que tentou afogar os humanos com as águas do mundo subterrâneo. *Anumai* teria jogado suas vasilhas cerâmicas com paredes grossas em *Tapijawara* para fazê-lo voltar às profundezas, sendo que estas se quebraram restando apenas os fragmentos espalhados no chão, até os dias de hoje. Alguns fragmentos cerâmicos podem pertencer a *Tauvuma* – ser sobrenatural – que teria abandonado o mundo dos vivos depois que seu irmão matou seu amante – que aparecia para ela em forma de anta. Esses fragmentos são finos como os dos Asurini, porém eles só são encontrados junto à árvore do frutão, lugar onde *Tauvuma* mantinha relações sexuais com este homem-anta e lhe servia o mingau. Cada vez que ele consumia o mingau, o homem-anta quebrava a vasilha e *Tauvuma* precisava refazer suas vasilhas. Ao partir do mundo dos homens ela se transformou em *Tauva*, retornando apenas em momentos rituais específicos que evocam o seu espírito (Müller 1990, Silva 2000, 2002).

CONCLUSÃO

O resultado obtido na T.I. Kuatínemu possibilitou vislumbrar o grande potencial que a área oferece para a disciplina e para a história das populações indígenas desta região amazônica. Os dados arqueológicos e etnoarqueológicos obtidos com os Asurini podem ser comparados com trabalhos recentes

sobre a história de ocupação territorial de populações indígenas (Zedeño 1997, Stewart et al. 2004). Foi evidenciado o potencial do conhecimento indígena para a identificação dos marcos paisagísticos das antigas ocupações humanas, dos distintos padrões de assentamento pré e pós-contato, dos processos de ocupação e uso do território e das evidências de domesticação da paisagem e uso dos recursos naturais. Com este conhecimento, a T.I. Kuatínemu se transforma em uma paisagem cultural e os locais de ocupação humana são lugares de memória carregados de significados sócio-cosmológicos.

No que se refere à pesquisa arqueológica, o aprendizado em campo foi imenso, pois a articulação do ponto de vista ocidental com o ponto de vista indígena sobre a arqueologia da área nos fez refletir sobre a nossa prática científica. A interpretaçãoêmica sobre a paisagem e os vestígios arqueológicos permitiu experimentar empiricamente o que teoricamente se define como multivocalidade (Layton 1989; Green et. al. 2003, Jackson e Smith 2005). O passado e o presente se encontram nas narrativas Asurini sobre estes materiais, revelando um regime próprio de historicidade que difere daquele dos pesquisadores (Price 1983). Durante todo o trabalho debatemos com os Asurini sobre temas como a origem e expansão dos povos Tupi, o surgimento de seu povo nas terras do Xingu, a natureza e a autoria dos vestígios arqueológicos. As reflexões Asurini sobre os mesmos foram todas pautadas em sua filosofia ameríndia

sobre a relação entre os humanos, a natureza e a sobrenatureza. Os mitos de *Ajaré*, *Anumai*, *Tauvuma*, foram o aporte para as explicações deles sobre a sua trajetória e de seus antepassados. Certa noite, depois de uma longa conversa com alguns jovens sobre estes temas e de explicar sobre as explicações lingüísticas, antropológicas e arqueológicas que situam a origem dos povos Tupi no sudoeste da Amazônia ouvimos a seguinte explanação de um jovem Asurini:

“Sabe Fabíola, esta explicação pode estar certa para os outros índios, mas não para os Asurini. Eu confio na nossa explicação. Eu acredito que nós nascemos de Uirá e Ajaré. Eu acredito nesta história porque ela vem de muito tempo... contada de pai para filho... não se perde... não se esquece... por isso que ela é a mais certa” (Kwain Asurini, jovem liderança indígena, vice-presidente da Associação Indígena Awaeté).

O trabalho arqueológico/etnoarqueológico colaborativo em contextos indígenas só pode efetivamente ser concretizado quando é pautado em uma relação de troca de conhecimentos, respeito e confiança. O desafio é construir esta relação a partir da expansão das fronteiras disciplinares e do reconhecimento de que o passado é sempre uma construção no presente.

AGRADECIMENTOS

Aos Asurini do Xingu pela duradoura parceria e os muitos ensinamentos. À FAPESP pelo financiamento do projeto (Processo nº 2008/58278-6). Ao IPHAN e à FUNAI pelas

autorizações de pesquisa. À Daniela Samia e Chen Chi Cheng pela confecção dos mapas. À Francisca Gomes da Silva e Lucilene Arruda do Nascimento pelo desempenho em campo. A Francisco Silva Noelli pela revisão e sugestões ao texto.

NOTAS

¹ Utilizamos o termo com base na noção de “indigenização da modernidade”, desenvolvida por Sahlins (1997).

² Neste caso, projetos etnoarqueológicos e antropológicos realizados desde 1996, com bolsas do CNPq e auxílios financeiros FAPESP, CNPq e IPHAN, por Fabíola Andréa Silva e outros colaboradores.

³ Casa comunal Asurini. *Tava* = aldeia; *yva* = sufixo que indica a qualidade de fazer algo existir; *tavyva* = aquilo que faz surgir a aldeia.

⁴ A descrição e o inventário completo sobre os registros arqueológicos encontrados na TI Kuatinemu estão no Relatório Científico FAPESP e no Relatório Científico IPHAN (Silva, Bepalez & Stuchi 2010 e 2011).

⁵ O potencial arqueológico da área já havia sido evidenciado em etapas de pesquisas anteriores, bem como o georeferenciamento de alguns sítios arqueológicos e oficinas líticas ao longo do igarapé Ipiaçava (Silva 2000 e 2002).

REFERÊNCIAS

Adler, M., e S. Bruning. 2008. Navigating the fluidity of social identity: collaborative research into cultural affiliation in the American Southwest, in *Collaboration in archaeological practice: engaging descendent communities*. Editado por C. Colwell-Chanthaphonh e T.J. Ferguson, pp. 35-32. Lanham: Altamira Press.

- Balée, W. 1989. Cultura na vegetação da Amazônia Brasileira. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* (Coleção Eduardo Galvão).
- Banning, E. B. 2002. *Archaeological Survey*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Bespalez, E. 2009. Levantamento arqueológico e etnoarqueologia na Aldeia Lalima, Miranda/MS: um estudo sobre a trajetória histórica da ocupação indígena regional. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bruchac, M. M., S. M. Hart e H. M. Wobst. 2010. *Indigenous archaeologies. A reader on decolonization*. Walnut Creek: Left Coast Press.
- Colwell-Chanthaphonh, C. e T. J. Ferguson (Eds). 2008. *Collaboration in archaeological practice: engaging descendent communities*. Lanham: Altamira Press.
- Eremites de Oliveira, J. 1996. *Guatú: argonautas do Pantanal*. Porto Alegre: EdiPUCRS.
- _____. 2003. Da pré-história à história indígena: (Re) pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal. *Revista de Arqueologia* 16: 71-86.
- _____. 2006. Cultura material e identidade étnica na arqueologia brasileira: um estudo sobre a discussão sobre a tradicionalidade da ocupação Kaiowá da terra indígena Sucuri'y. *Revista de Arqueologia* 16: 29-49.
- Eremites de Oliveira, J. e L. M. Pereira. 2009. *Ñande Ru Marangatú: laudo antropológico e histórico sobre uma terra Kaiowa na fronteira do Brasil com o Paraguai, município de Antônio João, Mato Grosso do Sul*. Dourados: UFGD.
- Funari, P. P. A., N. V. Oliveira, E. Tammanini. 2005. Arqueologia para o público leigo no Brasil: três experiências, in *Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea*. Organizado por P.P.A. Funari, C. E. Orser & S. N. Schiavetto, pp. 105-116. São Paulo: Annablume.
- Funari, P.P.A., e E. M. Robrahn-González. 2007. Ethics, capitalism and public archaeology in Brazil, in *Archaeology and Capitalism*. Editado por Y. Hamilakis e P. Duke, pp 137:149. WAC.
- Green, L. F., D. R. Green & E. G. Neves. 2003. Indigenous knowledge and archaeological science. *Journal of Social Archaeology* 3(3):366-398.
- Heckenberger, M. J. 1996. War and peace in the shadow of empire: sociopolitical change in the upper Xingu of Southeastern Amazonia, A.D. 1400-2000. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia, Universidade de Pittsburgh, EUA.
- Jackson, G. & Smith, C. 2005. Living and learning on Aboriginal lands: decolonizing archaeology, in *Indigenous Archaeologies*. Editado por C. Smith & M. W. Wobst, pp. 328-351. London: Routledge.
- Kuwanwiswima, L. J. 2008. Collaboration means equality, respect, and reciprocity: a conversation about archaeology and the Hopi tribe, in *Collaboration in archaeological practice: engaging descendent communities*. Editado por C. Colwell-Chanthaphonh e T.J. Ferguson, pp. 151-169. Lanham: Altamira Press.
- Layton, R. (Ed.). 1989. *Who needs the past? Indigenous values and archaeology*. London: Routledge.
- Lukesh, A. 1976. *Bearded Indians of the tropical forest: The Asurini of the Ipiacaba: notes and observations on the first contact and living together*. Graz: Druck- u. Verlagsanst.
- Marshall, Y. 2002. What is community archaeology. *World Archaeology* 34(2):211-219.
- Merriman, N. (Ed.). 2004. *Public Archaeology*. London: Routledge.
- Moi, F. P. 2007. *Os Xerente: um enfoque etnoarqueológico*. São Paulo/Porto Seguro: Annablume/Acervo.

- Moser, S., D. Glazier, J. E. Phillips, L. N. el Nemr, M. S. Mousa, R. N. Aiesh, S. Richardson, A. Conner, e M. Seymour. 2002. Transforming archaeology through practice: strategies for collaborative archaeology and the community archaeology project at Quseir, Egypt. *World Archaeology* 34(2):220-248.
- Müller, R. 1990. *Os Asurini do Xingu (História e Arte)*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____. As Crianças no Processo de Recuperação Demográfica dos Asurini do Xingu, in *Crianças Indígenas: ensaios antropológicos*. Editado por A. Lopes da Silva, A.V. L. da Silva Macedo & A. Nunes, pp. 188-209. São Paulo: MARI/FAPESP.
- Neves, E. G. 2000. *Paths in the dark waters: archaeology as indigenous history in the Upper Rio Negro Basin, northwest Amazon*. Tese de doutorado, Universidade de Indiana, EUA.
- Plog, S, F. Plog, e W. Wait. 1978. Decision making in modern surveys. *Advances in Archaeological Method and Theory* 1:384-421.
- Price, R. 1983. *First Time: the Historical Vision of an Afro-American People*. Baltimore: The John Hopkins University Press.
- RADAMBRASIL. 1974a. *Levantamento de Recursos Naturais (V.4)* Folha SB. 22 Araguaia e parte da folha SC.22 Tocantins. Rio de Janeiro.
- RADAMBRASIL. 1974b. *Levantamento de Recursos Naturais (V.5)* Folha AS. 22 Belém. Rio de Janeiro.
- Raharijaona, V. 1994. Archaeology and oral traditions in the Mitonga-Andrainjato área (Betsileo region of Madagascar), in *Who needs the past? Indigenous values and archaeology*. Editado por R. Layton, pp. 189-194. London: Routledge.
- Redman, C. 1973. Multistage fieldwork and analytical techniques. *American Antiquity* 38: 61-79.
- Robrahn-González, E. 2005. *Sociedade e Arqueologia*. São Paulo. Tese de Livre-Docência, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, Brasil.
- Rodrigues, R. A. 2007. *Os caçadores-ceramisistas do sertão paulista: um estudo etnoarqueológico da ocupação Kaingang no vale do rio Feio/Agua-peí*. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnoarqueologia, Universidade de São Paulo, Brasil.
- Sahlins, M. 1997. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (Parte II). *Mana* 3(2):103-150.
- Schiffer, M. B. 1987. *Formation Processes of the Archaeological Record*. New Mexico: University Press.
- Silva, F. A. 2000. *As Tecnologias e seus Significados*. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Sociais, Universidade de São Paulo, Brasil.
- _____. 2002. Mito e arqueologia. A interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no parque indígena Kuatinemu, Pará. *Horizontes Antropológicos: Arqueologia e sociedades tradicionais* 8(18):175-187.
- _____. 2003. Cultural behaviors of indigenous populations and the formation of the archaeological record in Amazonian Dark Earth: the Asurini do Xingu case study, in *Amazonian Dark Earths. Origin, Properties, Management*. Editado por Lehmann, J., D. C. Kern, B. Glaser & W. I. Woods, pp. 373-385. London: Kluwer Academia Publishers.
- _____. 2005. *Cultura Material e Dinâmica Cultural: Um Estudo Etnoarqueológico de Conjuntos Artefatuais dos Asurini do Xingu*. Relatório FAPESP. São Paulo, inédito.
- _____. 2008. *Cultura Material e Dinâmica Cultural. Um Estudo Etnoarqueológico de Conjun-*

- tos Artefatuais dos Asurini do Xingu. Relatório FAPESP. São Paulo, inédito.
- _____. 2009. Arqueologia e Etnoarqueologia na Aldeia Lalima e na Terra Indígena Kaiabi: reflexões sobre arqueologia comunitária e gestão do patrimônio arqueológico. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 19: 205-19.
- Silva, F. A., F. F. Stuchi, E. Bsepalez, E. F. C. Pouget. 2010. Arqueologia em terra indígena: uma reflexão teórico-metodológica sobre as experiências de pesquisa na Aldeia Lalima (MS) e na Terra Indígena Kaiabi (MT/PA), in *Arqueologia Amazônica*. Editado por E. Pre-reira, e V. Guapindaia, pp. 775-94. Belém: MPEG, IPHAN, SECULT. Vol. II.
- Silva, F.A. (coord); Bsepalez, E. e Stuchi, F. F. 2010. *Território e história dos Asurini do Xingu. Um estudo bibliográfico, documental, arqueológico e etnoarqueológico sobre a trajetória histórica dos Asurini do Xingu (século XIX aos dias atuais)*. Relatório FAPESP. São Paulo, inédito.
- _____. 2011. *Território e história dos Asurini do Xingu. Um estudo bibliográfico, documental, arqueológico e etnoarqueológico sobre a trajetória histórica dos Asurini do Xingu (século XIX aos dias atuais)*. Relatório IPHAN. São Paulo, inédito.
- Silva, F.A., C.R Appoloni, F.R.E. Quiñones, A.O. Santos, L.M. Silva, P.F. Barbieri & V.F. Nascimento Filho. 2004. Arqueometria e a análise de artefatos cerâmicos: um estudo de fragmentos cerâmicos etnográficos e arqueológicos por fluorescência de Raios X (EDXRF) e Transmissão Gama. *Revista de Arqueologia* 17: 41-61.
- Smith, C. & G. Jackson. 2008. The ethics of collaboration: whose culture? Whose intellectual property? Who benefits?, in *Collaboration in archaeological practice: engaging descendent communities*. Editado por C. Colwell-Chanthaphonh e T.J. Ferguson, pp 171-199. Lanham: Altamira Press.
- Smith, C. & M. W. Wobst (Eds.). 2005. *Indigenous archaeologies*. London: Routledge.
- Stewart, A.M., D. Keith & J. Scottie. 2004. Caribou crossings and cultural meanings: placing traditional knowledge and archaeology in context in an Inuit landscape. *Journal of Archaeological Method and Theory* 11(2):183-212.
- Stuchi, F.F. 2010. *A ocupação da Terra Indígena Kaiabi: história indígena e etnoarqueologia*. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, Brasil.
- Tully, G. 2007. Community archaeology: general methods and standards of practice. *Public Archaeology* 6(3):155-187.
- Wüst, I. 1990. *Continuidade e mudança: para interpretação dos grupos pré-coloniais na bacia do rio Vermelho, Mato Grosso*. Tese Doutorado. Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, Brasil.
- Zedeño, M. 1997. Landscapes, land use and the history of territory formation: an example from puebloan southwest. *Journal of Archaeological Method and Theory* 4(1): 63-103.

Recebido em 26/02/2011.

Aprovado em 29/05/2011.